Grupo de Saxofones da UFAL: abordagem histórica e relato de experiência

Kleber Dessoles Marques
Universidade Federal de Alagoas - kdessoles@gmail.com

Resumo: Trata-se de um relato de experiência acerca do Grupo de Saxofones da UFAL, grupo instrumental voltado à performance musical e à prática em conjunto, como elemento potencializador do ensino de performance. O texto está dividido em duas grandes partes: 1. conceituação histórica do termo *saxophone ensemble* e grupos relevantes ao longo do tempo; 2. Relato da experiência na UFAL, contexto institucional e articulação entre as ações de ensino, pesquisa e extensão.

Palavras-chave: Grupo de Saxofones. Ensino de Instrumento. Saxofone.

UFAL Saxophones Group: historical approach and experience report

Abstract: This is an experience report about the UFAL's Saxophones Group, an instrumental group focused on musical performance and joint practice, as a potentiating element in performance teaching. The text is divided into two major parts: 1. historical conception of the term saxophone ensemble and relevant groups over time; 2. Report of the experience in UFAL, institutional context and articulation between teaching, research and extension actions.

Keywords: Saxophone Ensemble. Pedagogy of the Instrument. Saxophone.

Introdução

A formação de grandes grupos de saxofones tem sido utilizada por educadores desde meados do século XIX como ferramenta pedagógica, lançando mão da vasta tessitura do grupo instrumental, quando consideramos toda a família dos saxofones que vai do contrabaixo ao sopranino e da sua homogeneidade timbrística como fator de identidade. Tais grupos se popularizaram no início do século XX e hoje há diversas formações em todo o mundo.

No Brasil ainda são poucas as iniciativas, sendo a primeira delas criada na década de 1990 na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), pelo Professor Me. Dilson Florêncio[1]. Desde então outros grupos vêm surgindo vinculados, principalmente, às universidades ou instituições de ensino públicas.

Dentre esses está o Grupo de Saxofones da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) (GUSAL), criado em 2015 com o intuito de oportunizar aos seus integrantes a prática musical nesse tipo de formação instrumental. Além de servir como laboratório de prática de conjunto e de ofertar concertos tradicionais, o GSUFAL também realiza concertos didáticos em escolas e espaços educacionais da rede pública do estado de Alagoas, com foco na formação de plateia e no acesso à cultura.

1. *Saxophone Ensemble*

A ideia da formação de grandes grupos de saxofones, ou orquestras de saxofones, remonta a meados do século XIX, logo após à criação desse instrumento. Em 1844 Georges Kastner (1810-1867) elaborou, sob a supervisão do próprio Aldolph Sax (1814-1844), o inventor do Saxofone, o *Methode Complète et Raisonnèe de Saxophone* e, dentro dele, a obra *Sextour*, escrita para sexteto de saxofones. Para Ballard (2007, p.2, tradução nossa) "O *Sextour* revela que o conceito da família do saxofone estava muito vivo bem antes da data da patente do instrumento em 1846, antes da conclusão de toda a gama de saxofones".

Adolphe Sax utilizava grandes formações de grupos de saxofones, lançando mão dos diversos tamanhos do instrumento, e de suas variadas tessituras, como ferramenta pedagógica para potencializar o ensino do instrumento enquanto ocupava o cargo de professor de saxofone no Conservatório de Música e Dança de Paris entre os anos de 1857 e 1870 (ALLEN, 2013; CHAUTAMPS; KIENTZY; LONDEIX, 1990, p. 18).

Nos Estados Unidos e no Canadá iniciativas de grupos que utilizavam apenas alguns dos instrumentos da família dos saxofones, como *The Brown Brothers* (saxofones baixo, barítono, tenor e 2 altos) e o *The Saxophone Corps* (saxofones barítono, tenor, e 2 altos) marcaram a reaparição desta formação musical no período após a primeira guerra mundial (ALLEN, 2013, p. 8).

Mais tarde, no final da década de 1920, surgia em Berlim a primeira orquestra de saxofones documentada. Esse foi um grupo de relevante importância que chegou a contar com 17 musicistas, dirigido pelo também saxofonista Gustav Bumcke (1876-1963) (CHAUTAMPS; KIENTZY; LONDEIX, 1990). Bumcke havia visitado Paris em 1902, na oportunidade estudou saxofone com Adolph Sax Jr. e voltou a Berlim com oito exemplares dos instrumentos produzidos por Sax, estabelecendo, em 1903, a classe de saxofones do *Stern'sche Konservatorium* (ALLEN, 2018, p. 37-38).

Mas foi somente em 1977 que Jean-Marie Londeix[2] (1932-), a frente da classe de saxofones do Conservatório de Bordeaux, na França, fundou o *Ensemble Internacional de Saxophones*, grupo ao qual foram destinadas mais de cem obras de compositores como F. Rossé, K. Miyazawa, H. Sauguet, C. Havel, C. Lauba, F. Guerrero, K. Stockhausen (OCHOA, [2009]).

Sobre o grupo fundado por Londeix Umble, Gingras e Corbé (2000, p. 125, tradução nossa) nos afirma que:

> "Esta nova experiência em grupo foi originalmente destinada a oferecer aos estudantes de saxofone uma experiência em um grande conjunto, preparando-os assim para os vários papéis que seriam requisitados como profissionais"

A formação instrumental do grupo de Londeix deu aos grupos da atualidade um parâmetro de orquestração para novos compositores e arranjadores. O referido grupo era composto por: 1 saxofone sopranino em Mi bemol, 2 saxofones soprano em Si bemol, 3 saxofones alto em Mi bemol, 3 saxofones tenor em Si bemol, 2 saxofones barítono em Mi bemol e um 1 saxofone baixo em Si bemol. Atualmente, muitos grupos substituem o saxofone sopranino em Mi bemol por um terceiro saxofone soprano em Si bemol.

No Brasil, são poucos os registros de grupos de larga escala, mas mesmo assim, nos últimos anos, importantes iniciativas como o Grupo de Saxofones da UFMG (199-?), o Octeto de Saxofones da Escola de Música da Universidade Federal de do Rio Grande do Norte (EmUFRN) (2006), o Conjunto de Saxofones da Universidade Federal do Rio Janeiro (UFRJ) (2010), o *Ensemble* de Saxofones de São Paulo [2014], o Grupo de Saxofones do Conservatório de Tatuí - SP (2014), e o Grupo de Saxofones da UFAL (2015), vêm trazendo a oportunidade a diversos músicos e musicistas, estudantes e profissionais, de aperfeiçoamento através da prática de conjunto, ao tempo que fomenta o surgimento de obras próprias para o esta formação musical.

2. Grupo de Saxofones da UFAL

O Grupo de Saxofones da UFAL (GSUFAL) surgiu em 2015, por meio de um projeto de extensão coordenado pelo Prof. Me. Kleber Dessoles Marques. O projeto articula-se e dá suporte tanto às disciplinas de práticas de conjunto e orquestral do Curso Técnico em Instrumento Musical, com ênfase em saxofone, quanto a um projeto de pesquisa voltado à música de concerto escrita originalmente para saxofone por meio de colaboração entre compositores e intérpretes, coordenado pelo mesmo docente. Tal articulação visa atender ao artigo 207 da Constituição Federal, que trata dos parâmetros de funcionamento das universidades brasileiras, tendo a indissociabilidade do ensino, da pesquisa e da extensão como ponto de partida (BRASIL, 1988).

O GSUFAL é composto por alunos dos Cursos Técnico e Graduação em Música da UFAL, além de técnicos músicos do quadro efetivo da instituição, profissionais egressos dos referidos cursos e colaboradores externos (alunos de cursos de extensão nível avançado, saxofonistas profissionais que atuam no mercado musical local, etc). A colaboração voluntária desses músicos é de vital importância para o bom andamento do projeto e das demais ações acadêmicas voltadas ao saxofone, tendo em vista que o estudo formal do instrumento na instituição iniciou-se em 2014 (data da criação da habilitação em Saxofone no Curso Técnico de Instrumento Musical) e até o momento, ainda não há uma habilitação em Saxofone no curso de nível superior da instituição (Licenciatura em Música com habilitações).

Acerca da integração entre os diferentes membros da comunidade acadêmica Presgrave (2016, p. 511) afirma que:

> Uma forma característica de trabalho dentro da classe de violoncelos da UFRN é que os alunos, sejam eles do curso técnico, da graduação, do mestrado ou da extensão, trabalham de forma conjunta. Eles integram os mesmos projetos e dividem os espaços de aula e de *masterclass*, fomentando nos alunos mais jovens o interesse pela pesquisa e abrindo para os alunos mais experientes oportunidades de monitoria ou de se tornarem mentores.

Desta forma, o GSUFAL é um espaço de prática instrumental voltado ao aperfeiçoamento da *performance* em grupo, tendo como ponto de partida a heterogeneidade de níveis de formação musical de seus integrantes. Tal fator é benéfico ao funcionamento do projeto pois possibilita a troca de saberes e força uma reavaliação de conceitos pré-estabelecidos, tais como: afinação, tempo e timbre, como nos afirma Presgrave (2016, p. 495):

> Tocar em conjunto requer adaptações constantes entre os membros do grupo. Apesar das concepções de afinação, tempo e timbre se apresentarem diferentes para cada pessoa, é possível afirmar que a prática de conjunto promove a experimentação e, consequentemente, a aquisição de aumento da capacidade de reflexo nesses aspectos. Notamos que muitas vezes alunos com técnicas bem desenvolvidas têm dificuldade em tocar partes simples em conjunto, e também podem apresentar dificuldades para ouvir e reagir à afinação ou ritmo em passagens que não apresentam grande dificuldade.

Do ponto de vista da instrumentação, o GSUFAL lança mão da homogeneidade timbrística como sua mais forte característica, explorando as diferentes tessituras dos variados

membros da família do instrumento desenvolvido por Adolphe Sax. Nesse sentido Queiroz (2016, p. 258) nos afirma que:

> Diferentemente de um grupo instrumental formado por uma variedade de instrumentos, que propõe alargar as possibilidades sonoras por meio da diversidade timbrística e da ampliação da tessitura do conjunto, um grupo musical formado por instrumentos iguais procura ampliar os efeitos expressivos apostando, sobretudo, na semelhança dos timbres e nos recursos técnicos que compartilha cada componente.

Sendo assim, faz-se necessária uma permanente busca por uma a padronização não apenas dos aspectos musicais, tais como dinâmicas e articulações, mas também de todos elementos timbrísticos, sejam eles derivados dos equipamentos (boquilhas, palhetas e abraçadeiras) ou mesmo da técnica instrumental (embocadura, golpe de língua, respiração, dedilhado, etc.), que envolvem a construção de uma massa sonora mais compacta e uniforme.

3. Relato da Experiência

Desde 2015 o GSUFAL vem funcionando como um espaço de potencialização do ensino e aprendizagem de performance musical para discentes dos cursos regulares da UFAL, através de atividades de ensino (que englobam todas as práticas relacionadas à aquisição de habilidades relevantes à técnica instrumental e à interpretação musical), de pesquisa (que vão desde à pesquisa do repertório, seus compositores e intérpretes, até a busca por sistematização de estudos para melhor entender/tocar tais obras) e de extensão (onde vão ser apresentados os resultados destes trabalhos ao público em forma de concertos).

Para que tal integração possa acontecer, alguns procedimentos precisam ser adotados no tocante à escolha do repertório, para que seja equivalente ao nível técnico dos discentes ativos. Desta forma, vêm sendo utilizadas adaptações ou arranjos de obras orquestrais, com o intuito de adequar-se às diversas situações que um grupo tão heterogêneo pode trazer.

Todo o repertório do GSUFAL é baseado a partir do nível técnico dos discentes ativos, tendo em vista que esses têm como prioridade seus repertórios individuais, desenvolvidos com os professores de instrumento, além das atividades do grupo em questão. Sendo assim, a participação dos discentes no grupo precisa, muitas vezes, ser uma atividade complementar àquela desenvolvida durante as aulas de instrumento. Também é prática recorrente os discentes mais experientes, que estão preparando repertório individual para recitais, terem a

possibilidade de ser acompanhados pelo grupo, tendo assim a oportunidade de vivenciar uma situação real, de figurar como solista frente a um grande grupo instrumental.

São desenvolvidos ensaios semanais para construção e manutenção de repertório, dirigidos sempre pelo coordenador do projeto, que também assume a função de *spalla* do grupo. Portanto, o trabalho desenvolvido, na maioria das vezes, assemelha-se ao funcionamento de uma orquestra de câmara, onde as indicações de andamentos, entradas e cortes são realizadas pelos próprios membros do grupo, dispensando a exigência de regência em todos os momentos.

O GSUFAL vem participando de diversas atividades ao longo dos seus 5 anos de existência, das quais podemos destacar as participações como convidado do I Encontro Alagoano de Saxofonistas (2016), da Semana de Música da UFAL (2017 e 2018), do II Encontro Alagoano de Saxofonistas (2018) e da IX Jornada Pedagógica de Músicos de Banda (2018).

Especificamente sobre a participação no II Encontro Alagoano de Saxofonistas (2018), o GSUFAL funcionou como grupo base para o concerto de encerramento do evento, tendo como solista convidado o saxofonista Rodrigo Capistrano[3], que na ocasião realizou também um *masterclass* e dirigiu musicalmente o concerto. Por solicitação do solista convidado, tivemos o auxílio do regente e saxofonista Fellipe Teixeira (coordenador adjunto do grupo), para otimizar a dinâmica dos ensaios.

Imagem 1: encerramento do II Encontro Alagoano de Saxofonistas, realizado em 2018, em Maceió - AL.

Além das atividades anteriormente citadas, o grupo também vem desenvolvendo trabalhos relacionados à musicalização e à formação de plateia em escolas públicas e outros espaços educacionais do estado de Alagoas, dentre os quais podemos citar os concertos didáticos realizados em Teotônio Vilela (2018) e em Maceió, em parceria com o SESC-AL e na Biblioteca Pública Estadual Graciliano Ramos, através do projeto Sexta Trovadora (2019).

Imagem 2: concerto didático realizado na cidade de Teotônio Vilela - AL, em 2018.

4. Considerações Finais

Diante do exposto, ressaltamos a importantância das iniciativas de criação de *saxophone ensembles* ao longo da história, entendendo que estes desempenharam relevantes papéis como ferramentas pedagógicas e fomentaram a composição de novas obras para a formação instrumental.

Desse modo, podemos afirmar que iniciativas como a do Grupo de Saxofones da UFAL são positivas, pois contribuem para uma formação mais completa dos discentes ao tempo que fortalecem a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Sendo assim, este relato nos trás uma indicação de que precisamos estabelecer novos estudos para tentar mensurar os reais impactos dessa prática no ensino de performance musical.

Referências:

ALLEN, Andrew Justin. **The Symphonious Saxophone: A History of the Large Saxophone Ensemble with a Quantitative Analysis of Its Original Literature.** 2013. 93 f.

Tese (Doutorado) - Curso de Dma Music Performance, University Of South Carolina, Columbia, 2013. Disponível em: <https://goo.gl/rKrYAH>. Acesso em: 05 abr. 2018.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/ Constituiçao.htm>. Acesso em: 30 mar. 2019.

BALLARD, Daniel Marcus. **A Performance Project for Saxophone Orchestra Consisting of Five Performance Editions From the Renaissance, Baroque, Classical, Romantic, and Modern Eras.** 2007. 93 f. Tese (Doutorado) - Curso de Dma Music, University Of Southern Mississippi, Hattiesburg, 2007.

CAPISTRANO, Rodrigo Machado. **Rodrigo Capistrano.** [2013]. Disponível em: <https://www.rodrigocapistrano.mus.br/pagina-principal.html>. Acesso em: 30 mar. 2019.

CHAUTAMPS, Jean-louis; KIENTZY, Daniel; LONDEIX, Jean-marie. **El Saxofon**. Barcelona: Labor, 1990. Tradução de Carles lobo i Sastre.

OCHOA, Juan Carlos Torres. **Sigma Project – Auditorio 400:** notas al programa. [2009]. Disponível em: <https://goo.gl/6kpbD4>. Acesso em: 11 abr. 2018.

PARIS, Henri Selmer. **Dilson Florêncio.** [20--]. Disponível em: <https://www.selmer.fr/musicfiche.php?id=560&LANGUE=fr>. Acesso em: 30 mar. 2019.

PRESGRAVE, Fabio Soren. **A integração das atividades de extensão e pesquisa ao ensino e estudo diário como solução para a formação de violoncelistas de alto desempenho na UFRN**. *Opus*, v. 22, n. 2, p. 493-514, dez. 2016.

QUEIROZ, Dora Utermohl de et al. Grupo de Violoncelos da UFC: O Cello ensemble como ferramenta pedagógica para o ensino coletivo do violoncelo. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTO MUSICAL, 7., 2016, Sobral. **Anais... .** Sobral: Centro de Educação à Distância do Ceará, 2016. p. 254 - 262.

ROUSSEAU, Eugene. **Marcel Mule**: his life and the saxophone. Saxophone Journal, [s. L], v. 10, n. 3, p.8-17, nov. 1985.

UMBLE, James C.; GINGRAS, Mechèle; CORBÉ, Hervé. **Jean-Marie Londeix:** Master of the Modern Saxophone. [s. L.]: Roncorp, 2000. 305 p.

Notas

1. Dilson Florêncio é um músico brasileiro, pioneiro na atuação como saxofonista clássico. É ainda hoje o único sul-americano a receber *1er Prix* de Saxofone do Conservatório Nacional de Música e Dança de Paris. Possui extensa carreira como solista e professor. Atualmente é professor na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) (PARIS, [20--]).
2. Jean-Marie Londeix (1932-): saxofonista e professor francês formado pelo Conservatório de Música e Dança Paris, tendo recebido inúmeros prêmios ao longo de sua carreira. Como solista Como solista recebeu cerca de 250 dedicatórias de obras. É fundador da French Saxophonists Association e do *International Saxophone*

Comittee, além de ter escrito diversos livros e métodos sobre o saxofone e suas possibilidades sonoras (UMBLE; GINGRAS; CORBÉ, 2000).

3. Rodrigo Capistrano (1972-) é um saxofonista clássico brasileiro com vasta experiência e premiado internacionalmente. Atua como professor de Saxofone e Música de Câmara na Universidade de Belas Artes do Paraná (EMBAP-UNESPAR) (CAPISTRANO, [2013]).